

SOB O SIGNO DO SOL: O PARADIGMA DO GASTO EM BATAILLE

Contador Borges

10

A fonte e a essência de nossa riqueza são fornecidas na irradiação do sol, que dispensa a energia – a riqueza – sem contrapartida. O sol dá sem nunca receber: os homens sentiram isso muito antes de a astrofísica ter medido essa incessante prodigalidade. [...] Torna-se necessário, a essa altura, assinalar uma dupla origem dos julgamentos morais. Outrora, dava-se valor à glória improdutiva, ao passo que em nossos dias ele é relacionado diretamente com a produção: a aquisição da energia tem precedência sobre a despesa. A própria glória é justificada pelas conseqüências de um fato glorioso na esfera da utilidade. Contudo, obnubilado pelo julgamento prático – e pela moral cristã – o sentimento arcaico está vivo: encontra-se, em particular, no protesto romântico oposto ao mundo burguês; ele só perde inteiramente seus direitos nas concepções clássicas da economia¹.

*

Há dois tipos de despesa na teoria do gasto, *dépense*, em Bataille: o primeiro revela um sentimento arcaico de adesão ao princípio de gasto, o qual, apesar de não mais gozar como antes da “glória improdutiva”, ainda “está vivo”; o segundo vincula-se ao sentido da utilidade, desembocando no primado da aquisição de energia sobre a despesa e que representa, propriamente, uma tendência da racionalidade ocidental em valorizar a produção como a verdade das concepções clássicas da economia. Este segundo tipo é o que prevaleceu.

Isso porque o homem sobre o planeta é apenas, de modo indireto e subsidiário, uma resposta ao problema do crescimento. Sem dúvida pelo trabalho e pelas técnicas, ele se tornou sua extensão possível, para além dos limites recebidos. Entretanto, assim com o herbívoro é, em relação à planta, um luxo – o carnívoro em relação ao herbívoro –, o homem, de todos os seres vivos, é o mais apto a consumir, intensamente, luxuosamente, o excedente de energia que a pressão da vida propõe a incandescências conformes à origem solar de seu movimento².

Deste modo, como o “sentimento arcaico está vivo”, o primeiro tipo de despesa se afirma com intensidade nos acontecimentos heterogêneos da experiência. Trata-se de algo imanente ao corpo, numa comunidade de corpos em excesso.

Tendo o sol como paradigma, tal teoria do gasto encontra seu fundamento num plano cósmico, salientando o sentido da vida como consumação. Ao consumarem seus bens e a si próprios, mergulhados na imanência por meio das condutas soberanas da experiência, os homens reproduzem no âmbito de suas relações o modelo transcendente da despesa solar. Nele, o sol representa a potência do excesso gerador, proporcionando à vida “seu desenvolvimento exuberante”: fonte de energia, exuberante em si mesmo, o sol “dá sem nunca receber”. Como seu crescimento chega ao limite e, não podendo mais se expandir, a vida na terra se beneficia com o excedente desta superabundância.

Considere-se, também, a energia concentrada no interior da Terra, onde, em seu núcleo, a pressão e as temperaturas são absurdamente altas, ou seja: o excesso gerador também opera a partir do núcleo terrestre. A geologia reitera a importância dessas forças internas na criação da vida, devido a um equilíbrio entre a energia do sol do lado externo e a energia proveniente das profundezas da Terra. Isso explica porque, fora desse equilíbrio, a relação da vida com a plena potência do excesso seria impossível: no mundo dos seres há sempre um limite na relação com a potência. Do ponto de vista geológico, porém, a história da terra é feita de excessos: grandes inundações e todas as intervenções da profundidade por meio de rochas ígneas, vulcânicas, plutônicas³. A atividade vulcânica é um sinal visível dessa energia excedente do núcleo do planeta entendido como princípio gerador.

Imagens de fenômenos naturais descritos como figuras de excesso são frequentes em Bataille: “o globo terrestre ficou enorme como um crânio calvo no meio do qual o olho que se abre no vazio é ao mesmo tempo vulcânico e lacustre”⁴. Esta figura antropomórfica da natureza exorbita o olhar designando a despesa. Não é outro o olhar soberano do êxtase, voltado para a consumação de si. Signos do excedente e do gasto, *sol*, *ânus*, *olho*, associam-se em Bataille:

*Eu me representava com o olho no topo do crânio como um horrível vulcão em erupção, justamente por este caráter ambíguo e cômico ligado ao traseiro e suas excreções. Ora, o olho é sem dúvida o símbolo do sol ofuscante, e aquele que imaginei no topo de meu crânio estava necessariamente em brasa e fora consagrado à contemplação do sol no summum de seu clarão*⁵.

A despesa opera a linguagem, evidenciando a soberania: o olho, o sol e o vulcão erguem-se como alegorese, deslocados para o topo do crânio, onde, em latência, está o “olho pineal”, órgão da consumação⁶. Essa ideia reforça o ponto de vista do recalcado no mundo heterogêneo enquanto parte maldita. Esta, na alegoria vulcânica, é a soberania da lava tornada excedente pela corrosão das encostas do mundo homogêneo. “Maldita”, por exteriorizar, da animalidade, o que é intolerável, e que por isso mesmo se deseja. A homogeneidade é aquilo que não suporta o excedente, sobretudo quando este se faz representar por signos de consumação do corpo. Em *O ânus solar*, as erupções vulcânicas são descritas como excedente expelido pelos orifícios anais da Terra:

O globo terrestre está coberto de vulcões que lhe servem de ânus.

Ainda que este globo não coma nada, ele despreza expelindo, por vezes, o conteúdo de suas entranhas.

*Este conteúdo jorra estrondosamente escorrendo nas encostas do Jésume, espalhando por toda parte o terror e a morte*⁷.

Este deslocamento, para o baixo-corporal, de *topoi* considerados grandiosos, como o sol⁸ e o vulcão, evidencia dois movimentos da escrita: o de destruir ou sacrificar o

aspecto solene, espiritual, das palavras, e o de potencializá-las *in extremis* como signos de excesso e de dispêndio. Também, em um relato de *O culpado*, Bataille relaciona a experiência do dilaceramento dispendioso com a da irrupção vulcânica:

[...] *a lembrança do monte em Etna me veio ao espírito e me transtornou: ...estávamos esgotados e, de algum modo, exorbitados por uma solidão demasiado estranha, desastrosa: é o momento de dilaceramento em que nos inclinamos sobre a ferida beante...*⁹

Deixe-se ecoar, nestas imagens vulcânicas do excesso, outra em mesma chave, desta vez do marquês de Sade, neste ponto de *La nouvelle Justine*, a maior e mais violenta das três versões desse romance. Quem fala é o monge libertino Jérôme, evocando uma viagem à Sicília:

Um dia, observando o Etna cujo seio vomitava chamas, desejei ser o célebre vulcão.
*– Boca dos infernos, exclamei, admirando-o, se como tu eu pudesse engolir todas as cidades ao meu redor, quantas lágrimas não faria correr!*¹⁰

Aqui, mimetiza-se o excesso da natureza como possibilidade de ação entre os homens visando à efusão lacrimosa. O gozo da operação pode estar tanto no excesso, quanto nos efeitos dissolventes deste como gasto. Em Sade, o fenômeno natural se perverte, ressaltando-se a relação entre a literatura e o mal¹¹. Por mais que os homens procurem se abrigar sob os ideais da virtude, da piedade, do bem comum, etc., as relações de forças sempre descambam para a dominação de uns sobre os outros: é o signo da desmedida como fundamento da intensidade da vida e da consumação de si. Os laços entre os poderosos assim se confirmam e se consomem como forma de dominação e afirmação da vida até na morte.

Há em Bataille a afirmação de que o “verdadeiro excedente” é o gerado pela superabundância, portanto, força maior e variada que age sobre o outro sem arruinar-se na ação. O excedente, assim, é usado tanto para o bem (gerar o outro, fazer crescer seu alimento), quanto para a ruína, como é mister entre os libertinos de Sade. Em qualquer

caso, o excedente é soberano, constituindo-se como a sem razão do excesso. Favorecendo a uns e prejudicando a outros, o excedente dos seres tem, pois, relação direta com os acontecimentos da ruína e da morte.

No paradigma solar está presente essa dinâmica, cuja economia preconiza a despesa no lugar da produção. É o princípio do potlatch: só podem dilapidar-se a si mesmos aqueles que experimentam o poder e o limite da própria exuberância. Como o limite assinala, não apenas impossibilidade de crescer, mas, principalmente, o fato de que a superabundância é um princípio de excesso, que gera o gasto desenfreado, o potlatch é a cultura da heterogeneidade, pois coloca a sociedade sob o signo da exuberância e da dilapidação. Do ponto de vista do mundo homogêneo, a despesa é um mal, sendo esta a razão pela qual essa relação é rompida, só retomada pelas condutas soberanas da heterogeneidade, vale dizer, pela experiência. O mundo homogêneo só reconhece os acontecimentos da heterogeneidade como formas de exceção circunscritas em campo próprio, excluídas da esfera da utilidade. Sendo a experiência exceção, tolerada pelo mundo homogêneo como acontecimento de margem, é a ele exterior. O caráter inoperante da despesa evidencia a relação entre o limite e o excesso, relação análoga àquela que, no plano da moral, do direito e da religião, é caracterizada como *interdição e transgressão*, termos que assinalam o que é relativo ao limite e ao excesso, respectivamente, na ótica do mundo homogêneo. O ideal, para este, é que os acontecimentos da experiência sejam sempre considerados fenômenos exteriores. O que torna Bataille uma voz isolada nas discussões sobre economia é que ele faz observar, em lei, aquilo que nelas em geral representa o que deve ser controlado.

Nas culturas do potlatch, o sol constitui o paradigma da despesa como entre os astecas, que praticavam despesas suntuárias e tomavam o astro por deus. Diz Bataille que os astecas estavam tão ocupados em *sacrificar*, como nós em *trabalhar*¹². A prática da despesa improdutiva lhes permitia edificar pirâmides no alto das quais imolavam¹³. É a lógica do dispêndio, contrária à do desempenho no mundo homogêneo.

Da dilapidação sem reservas dos recursos de energia à prática desmedida das orgias, a história se faz acompanhar pelas experiências de consumação, como o erotismo, o sacrifício, o êxtase, a poesia e por todas as modalidades de ruína que culminam na morte, a qual, como diz Bataille, “de todos os luxos concebíveis” [...] “em sua forma fatal e inexorável, é certamente o mais dispendioso”¹⁴.

A morte é a comprovação categórica da supremacia da despesa sobre a produção. As exigências de gasto e de excesso que as condutas soberanas fazem

consumar pela experiência até a morte, constituem a parte maldita, o legado insuportável dos seres degenerados.

CONTADOR BORGES

Doutor em Filosofia pela Universidade de São Paulo, é ensaísta, poeta e dramaturgo. Leciona filosofia na Escola de Sociologia e Política de São Paulo. Publicou, entre outros, os seguintes livros: *Angelolatria* (1997), *O reino da pele* (2003), *Wittgenstein!* (2007), *A morte dos olhos* (2007), *Insônia ou A sombra da lua* (2011) e *A cicatriz de Marilyn Monroe* (2012). É organizador e coordenador da Coleção Pérolas Furiosas da Editora Iluminuras, dedicada às obras do Marquês de Sade.

*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

Obras de Georges Bataille:

BATAILLE, Georges. *A experiência interior*. Trad. Celso Libânio Coutinho e outros. São Paulo: Ática, 1992.

_____. *A parte maldita*. Trad. Julio Castañon Guimarães). Rio de Janeiro: Imago, 1975.

_____. *História do olho*. Trad. Eliane Robert Moraes. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

_____. *O erotismo*. Trad. Cláudia Fares. São Paulo: Arx, 2004.

_____. *Oeuvres complètes*. Paris: Gallimard, 1970-1988, t. I a XII.

Obras sobre Georges Bataille:

ARNAUD, Alain; EXCOFFON-LAFARGE, Gisèle. *Bataille*. Écrivains de toujours. Paris: Seuil, 1978.

DERRIDA, Jacques. De l'économie restreinte à l'économie générale. In: *L'écriture et la différence*. Paris: Seuil, 1967.

FOUCAULT, Michel. Prefácio à transgressão. In: *Estética: literatura e pintura, música e cinema*, col. Ditos & Escritos III. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2001.

HABERMAS, Jürgen. *O discurso filosófico da modernidade*. São Paulo: Martins Fontes, 2002.

HOLLIER, Denis (org). *Georges Bataille après tout*. Paris: Belin, 1995. SASSO, Robert. *Georges Bataille: Le système du non-savoir*. Paris: Les édition de minuit (col. "Arguments"), 1978.

SOLLERS, Philippe (org). *Bataille*. Paris: U.G.E, col. 10/18, 1973.

_____. *Le toit*. In: *L'écriture et l'expérience des limites*. Paris: Seuil, 1968.

SURYA, Michel. *Georges Bataille, la mort à l'oeuvre*. Paris: Gallimard, 1992.

Outras obras:

CAILLOIS, Roger. *L'homme et le sacré*. Paris: Gallimard, 1950.

KLOSSOWSKI, Pierre. *Nietzsche e o círculo vicioso*. São Paulo: Pazulin, 2003.

LEIRIS, Michel. *Miroir de la tauromachie*. Paris: Fata Morgana, 1981.

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a dádiva. In: *Sociologia e Antropologia*. São Paulo: Cosac Naify, 2003.

_____; HUBERT, Henri. *Sobre o sacrifício*. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

READ, H. H. *Geologia: uma introdução à história da terra*. Mira-Sintra: Publicações Europa-América, 1976.

SADE. *La nouvelle Justine I et II*. Paris: Union Générale D'éditions, 1978.

_____. *Les crimes de l'amour*. Paris: Jean-Jacques Pauvert, 1961.

¹ O.C., VII, *La part maudite*. Paris: Gallimard, 1976, pp. 35-36.

² Id., *ibid.*, p. 43.

³ H. H. Read, *Geologia: uma introdução à história da terra*. Mira-Sintra: Publicações Europa-América, 1976, p. 86.

⁴ O.C., II, "Dossier de l'oeil pineal". Paris: Gallimard, 1970, p. 28.

⁵ Id., *ibid.*, p. 14.

⁶ Id., *ibid.*, p. 25.

⁷ O.C., I, *L'anus solaire*. Paris: Gallimard, 1970, p. 85.

⁸ “O sol, humanamente falando (quer dizer, enquanto ele se confunde com a noção de meio-dia), é a mais elevada das concepções. É também a coisa mais abstrata, já que é impossível olhá-lo fixamente neste horário. Descrevendo a noção de sol no espírito daquele que deve desvirilizá-lo, necessariamente, em consequência da incapacidade dos olhos, deve-se dizer que este olho tem, poeticamente, o sentido da serenidade matemática e da elevação do espírito”. Id., *ibid.*, p. 231.

⁹ O.C., V, *Le culpable*. Paris: Gallimard, 1973, p. 365.

¹⁰ Sade, *La nouvelle Justine*. Paris: Union générale d'éditions, 1978, v. II, p. 478.

¹¹ Bataille afirma que a literatura expressa o mal, ao menos em sua “forma aguda”, e que ele tem, para nós, um “valor soberano”. Por isso, a literatura não é “inocente”, mas “culpada”, revelando um impulso infantil de afrontamento da autoridade. Para Bataille, portanto, a verdadeira motivação do texto e de sua leitura está na relação com o mal. Do contrário, a literatura perde o interesse ou se torna insípida. Ver O.C. IX, *La littérature et le mal*, pp.171-172. Do mesmo modo, Sade defende a tese segundo a qual toda virtude deve ser “atormentada pelo vício” nos romances, como modo de despertar o interesse do leitor. Cf. D.A.F. de Sade, “*L'idée sur les romans*”. In: *Les crimes de l'amour*. Paris: Jean-Jacques Pauvert, 1961, vol. I, p. 27.

¹² *La part maudite*, op., cit., p. 52.

¹³ Id., *ibid.*, p. 52.

¹⁴ Id., *ibid.*, p. 40.